

L&PM POCKET
www.lpm.com.br

VARGAS

Uma biografia política

Hélio Silva
Com a colaboração de
Maria Cecília Ribas Carneiro

TEXTO 24

H/C
Rafael

Carta-testamento

“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim.

“Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurarei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

“Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruíra os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produ-

to. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

“Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.

“Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”

As duas versões do texto

“Seis dias antes do 24 de agosto de 1954, o major Fitipaldi, ajudante-de-ordens de Vargas, encontrou sobre a mesa de trabalho do gabinete presidencial, no Palácio do Catete, um pequeno bilhete, escrito de próprio punho pelo presidente: ‘À sanha dos meus inimigos deixo o legado da minha morte’. Naquele dia, ampliando as tensões de uma crise político-militar, Lutero Vargas havia sido chamado a depor no inquérito do Galeão, e o ajudante-de-ordens, naturalmente preocupado, procurou D. Alzira e confiou-lhe o achado.

“Conta D. Alzira que procurou o presidente e mostrou-lhe o bilhete. Getúlio rasgou-o e disse-lhe apenas: ‘Não é nada disso que tu estás pensando’.

“Este bilhete só viria a ser encontrado dias após a morte de Vargas, mas, no dia do suicídio, o major Fitipaldi, tendo-o memorizado, transmitiu-o à imprensa, como sendo o ‘bilhete de suicídio’ que teria sido encontrado na cômoda do quarto presidencial.

“O bilhete era, na realidade, um rascunho da carta-testamento que o presidente Vargas redigiu, a lápis, em cinco folhas de um bloco oficial com o timbre da Presidência da República.

“Foi esse texto, de nítido caráter pessoal, que serviu de base à outra versão da Carta-testamento, esta nitidamente política, redigida pelo professor Maciel Filho e que terminaria por transformar-se, daí por diante, na plataforma do Partido Trabalhista Brasileiro.

“Foram certamente as diferenças fundamentais e es-

senciais existentes entre os dois documentos que levaram a família Vargas a postergar por tanto tempo a divulgação do original, escrito e assinado de próprio punho pelo presidente. Enquanto este é um documento em que deixa nítida a intenção de suicídio de Vargas, inclusive depois de examinada e recusada a possibilidade de renúncia, a sua versão política é, obviamente, um manifesto de resistência e uma bandeira de luta.

“Não há qualquer dúvida de que o presidente tenha assinado também o texto da Carta-testamento elaborado pelo professor Maciel Filho. Uma das cópias foi assinada pouco antes da última reunião de seu Ministério, na presença do então ministro Tancredo Neves e do governador Amaral Peixoto, que desconheciam seu conteúdo. Resta saber se o presidente o fez com plena convicção da possibilidade de uma resistência ou se apenas para atender aos setores de seu governo que acreditavam que ela era possível.

“A julgar pela sua versão pessoal, em que é evidente o desencanto e a desesperança, a segunda hipótese é mais viável. O presidente, aos 73 anos, confessa-se velho e cansado, acuado não só pela sanha de seus inimigos, mas atingido também pela fraqueza dos amigos, a felonía dos hipócritas e traidores e a insensibilidade moral dos sicários, integrantes de sua guarda pessoal. Talvez isto, mais do que a pressão dos adversários, o tenha levado à morte e feito com que abandonasse o agnosticismo, que o acompanhara durante toda a vida, voltando-se para Deus.”

CARTA, “O LEGADO DA MORTE”

“Deixo à sanha dos meus inimigos o legado da minha morte.

“Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro, e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia.

“A mentira, a calúnia, as mais tolas invenções foram geradas pela malignidade de rancorosos e gratuitos inimigos, numa publicidade dirigida, sistemática e escandalosa.

“Acrescente-se a fraqueza de amigos que não me defenderam nas posições que ocupavam à felonía de hipócritas e traidores a quem beneficiei com honras de mercês e à insensibilidade moral de sicários que entreguei à Justiça, contribuindo todos para criar um falso ambiente na opinião pública do País, contra a minha pessoa.

“Se a simples renúncia ao posto a que fui levado pelo sufrágio do povo me permitisse viver esquecido e tranqüilo no chão da pátria, de bom grado renunciaria. Mas tal renúncia daria apenas ensejo para com mais fúria perseguirem-me e humilharem-me. Querem destruir-me a qualquer preço. Tornei-me perigoso aos poderosos do dia e às castas privilegiadas. Velho e cansado, preferi ir prestar contas ao Senhor, não de crimes que não cometi, mas de poderosos interesses que contrariei, ora porque se opunham aos próprios interesses nacionais, ora porque exploravam, impiedosamente, aos pobres e aos humildes. Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue dum inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus.

“Agradeço aos que de perto ou de longe trouxeram-me o conforto de sua amizade.

“A resposta do povo virá mais tarde...” *

(a) Getúlio Vargas :

O Estado de S. Paulo, Documento. Entrevista de Alzira Vargas do Amaral Peixoto a Villas-Boas Corrêa, Antônio Carbone e Lourenço Dantas Mota, p. 6, em 16-7-1978.